

Pelas mãos dos Senhores do Campo Seco: fonte para estudo da história de penetração e propagação da língua escrita no alto sertão da Bahia¹ /

Through the hands of the Lords of Campo Seco: source for studying the history of penetration and propagation of the written language in the highlands of Bahia

*Elaine Brandão Santos**

Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). É integrante do Projeto de Pesquisa CE-DOHS – Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão, desde a Iniciação científica como bolsista FAPESB, faz parte também dos projetos Vozes do Sertão em dados: histórias, povos e formação do português brasileiro e Documentos do Sobrado do Brejo Seco (Séculos XVIII, XIX e XX).

 <http://orcid.org/0000-0002-1167-4815>

*Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda***

Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 2009, com estágio de doutoramento na Universidade de Lisboa (UL), financiado pela CAPES. Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em 2019. Na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), onde é Professora Titular, coordena o Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa (NELP) e o projeto Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS/FAPESB). Membro do Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR), do Projeto Nacional para a História do Português Brasileiro (PHPB) e da Comissão Científica Internacional do Projeto Pombalia – Pombal Global.

 <http://orcid.org/0000-0003-4335-3458>

Recebido em 03 de set. 2020. **Aprovado** em: 12 de out. 2020.

¹ O presente trabalho teve o financiamento da FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

*

 lanyangel8@hotmail.com

**

 ribasileel@gmail.com

Como citar este artigo:

SANTOS, Elaine Brandão; DE OLIVEIRA LACERDA, Mariana Fagundes. Pelas mãos dos Senhores do Campo Seco: fonte para estudo da história de penetração e propagação da língua escrita no alto sertão da Bahia. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 1, p. 169-187, jan. 2021.
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10278088>

RESUMO

Este artigo tem por finalidade apresentar o estudo linguístico de um manuscrito de foro privado, o *Livro do Gado* do Brejo do Campo Seco, escrito por um lusitano e seus descendentes brasileiros, no Sertão da Bahia, entre os fins do período colonial e meados dos tempos pós-coloniais. Trata-se de um testemunho linguístico relevante para os estudos da reconstrução social e linguística do português brasileiro e, em especial, para a história da penetração e difusão da escrita no interior da Bahia. Assim, buscou-se investigar os aspectos gráficos dos escreventes desse manuscrito, averiguando, numa perspectiva qualitativa, a questão da inabilidade/habilidade e a descrição de possíveis índices grafo-fonéticos. Para tal estudo, foram utilizados como aporte teórico Marquilhas (2000); Barbosa (1999, 2017). Sobre os resultados, constatou-se que os três autores do *Livro do Gado* são *pouco hábeis* com a prática escrita. Em relação ao levantamento de índices grafo-fonéticos, algumas ocorrências, depreendidas dos apontamentos dos brasileiros, aparentam ser aspectos de *abaixamento de vogais; redução de ditongo; nasalização; elevação de vogal*. Já no que concerne aos traços gráficos, identificaram-se aspectos como: *grafismo; latinização; substituição de grafema; eliminação de grafema; inversão de ordem de grafema, grafia para ditongo nasal e variação de vogal*. Esta investigação colabora com a terceira pauta de pesquisas do PHPB, realizando o estudo linguístico do referido material e contribuindo, dessa forma, com um *corpus* significativo, para que seja possível a reconstituição do passado do português brasileiro (PB).

PALAVRAS-CHAVE: Português brasileiro; Livro de fazenda; Índices grafo-fonéticos; Séculos XVIII e XIX.

ABSTRACT

This article aims to present the linguistic study of a private manuscript, the Livro do Gado do Brejo do Campo Seco, written by a Lusitanian and his Brazilian descendants, in the Sertão da Bahia, between the ends of the colonial period in the middle of the times post-colonial. It is a relevant linguistic testimony for the studies of the social and linguistic reconstruction of Brazilian Portuguese, especially for the history of the penetration and diffusion of writing in the interior of Bahia. Thus, we sought to investigate the graphic aspects of the writers of this manuscript, investigating, from a qualitative perspective, the issue of disability / skill and the description of possible graph-phonetic indexes. For this study, Marquilhas (2000); Barbosa (1999, 2017). Regarding the results, it was found that the three authors of the Livro do Gado are not very skilled with written practice. In relation to the survey of graphical-phonetic indices, some occurrences, derived from the notes of Brazilians, appear to be aspects of lowering vowels; diphthong reduction; nasalization; vowel elevation. As for the graphic features, they identified aspects such as: graphics; latinization; grapheme replacement; grapheme elimination; inversion of grapheme order, spelling for nasal diphthong and vowel variation. This investigation collaborates with the third research agenda of PHPB, carrying out the linguistic study of the referred material, thus contributing with a significant corpus so that it is possible to reconstruct the past of Brazilian Portuguese (PB).

KEYWORDS: Brazilian portuguese; Farm book; Graph-phonetic indexes; 18th and 19th centuries.

1 Introdução

Mattos e Silva (2008) ressalta que, para a reconstrução e compreensão do caráter diglósico do português brasileiro (PB), faz-se necessário o estudo de *corpora* diacrônicos, os mais diversificados possíveis, e alerta a necessidade de contemplar, em tal estudo, aspectos histórico-sociais, dentre eles a ausência/presença da escolarização.

Nessa direção, em uma análise pautada na história social do Brasil, como destaca Mattos e Silva (2004; 2008), será possível encontrar subsídios para um melhor entendimento da configuração do PB, como as questões ligadas à situação do contato linguístico, aos fatores propícios à difusão da

escrita em determinada localidade, à influência social na mudança estrutural da língua, entre outros elementos.

No intuito de contribuir com essa abordagem, apresenta-se, neste texto, uma investigação descritiva e qualitativa dos aspectos gráficos dos escreventes de um manuscrito de foro privado – o *Livro do Gado* da fazenda do Campo Seco –, produzido por um Familiar do Santo Ofício e seus descendentes, no Sertão da Bahia. Tal documento é de grande relevância para os estudos da história de penetração e difusão da língua escrita, haja vista a possibilidade de aclarar questões tanto linguísticas quanto sócio-históricas do interior baiano. Assim, almejou-se averiguar a existência de níveis de inabilidade/habilidade, além de verificar possíveis ocorrências de índices grafo-fonéticos nos registros do referido livro. Dessa forma, a investigação realizada ocorreu a partir da amostra da edição semidiplomática² do referido *corpus*.

Por meio deste estudo, busca-se, também, colaborar com o Projeto Nacional para a História do Português Brasileiro (PHPB), ao atender à terceira pauta de trabalho desse programa, a qual se refere, conforme Lobo (2009), ao estudo linguístico do *corpus*.

Este material faz parte do banco de texto DOHS, do Projeto *Vozes do Sertão em dados: história, povos e formação do português brasileiro*, e do Projeto CE- DOHS – *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão*, que compõem o Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa (NELP) do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (DLA/UEFS), os quais atuam em parceria com o PHPB.

O presente artigo, além desta seção inicial, encontra-se estruturado da seguinte forma: na segunda seção, apresenta-se o *corpus*, bem como, brevemente, os escreventes; na terceira seção, expõe-se a metodologia utilizada nesta investigação; a quarta seção é dedicada ao estudo dos aspectos gráficos; e, por último, seguem as considerações finais.

2 O corpus

O Livro do Gado é um documento de cunho particular, produzido nos séculos XVIII e XIX, que se conservou no arquivo do Sobrado do Brejo, localizado na fazenda de criação do Brejo do Campo Seco, no povoado de Bom Jesus dos Meiras, hoje nomeado de Brumado, no sertão baiano. Trata-se de uma prática escrita da época citada, que aborda mais de 150 anos do cotidiano de uma Bahia rural.

² A edição semidiplomática do *Livro do Gado* foi realizada por Santos (2019), no trabalho de Mestrado intitulado *O Livro do Gado do Brejo do Campo Seco (Bahia): Edição Semidiplomática e Descrição de Índices Grafo-fonéticos*.

Tal livro foi escrito por três familiares: o lusitano Miguel Lourenço de Almeida, em 1755, com registros até 1785; os brasileiros Antônio Pinheiro Pinto, genro de Miguel Lourenço de Almeida, de 1794 a 1822; e Inocêncio Pinheiro Canguçu, filho de Antônio Pinheiro Pinto e neto de Miguel Lourenço, com apontamentos de 1822 a 1832.

O referido documento possui 57 páginas, das quais 22 estão escritas, totalizando, então, 34 fólhos. As demais páginas estão em branco, devido à ação do tempo. Quanto às dimensões, apresenta 305 mm x 210 mm. O papel empregado para a escrita é de alta gramatura e, conforme Santos Filho (2012, p. 110), “de procedência européia”. O instrumento utilizado pelos escreventes para o registro no suporte foi o bico de pena. Diversos tipos de tinta foram utilizados, como a ferrogálica e a orgânica, de coloração preta e vermelha, respectivamente.

Sobre o teor lançado em suas páginas, encontram-se informações acerca do cotidiano da fazenda e de seus escreventes, como a marcação de poldros, bezerros e de muares, as partilhas e entregas, distribuição de animais pelas diversas fazendas, e, ainda, recibos de inventários diversos.

2.1 Os escreventes

O primeiro Senhor do Campo Seco, Miguel Lourenço de Almeida, nasceu em Camarões, freguesia de São Pedro do Almagem do Bispo, conselho de Sintra, distrito de Lisboa, Portugal, no ano de 1708, sendo ele filho de José Lourenço e Domingas João. Em solo brasileiro, atuou como Familiar do Santo Ofício; foi capitão-general de Pernambuco, contador do Tribunal dos Ausentes e fazendeiro. Casou-se com a brasileira Ana Francisca da Silva, e, dessa união, tiveram oito filhos, dando início à linhagem dos Canguçus. Presume-se que faleceu em 1785, aos 77 anos.

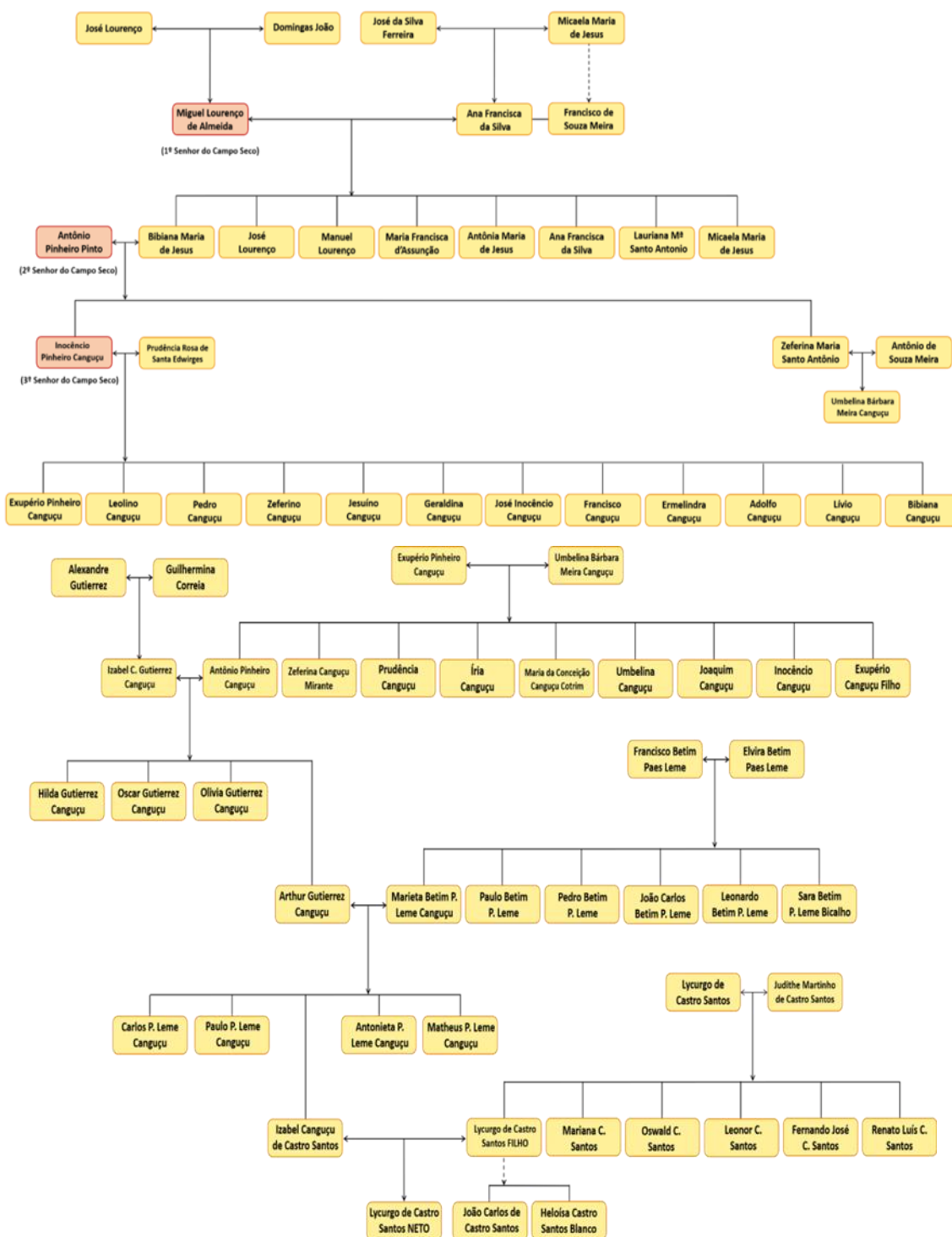
Antônio Pinheiro Pinto, segundo Senhor do Campo Seco, nasceu em Caetité – Bahia. Sobre seus pais, sabe-se, apenas, que eram descendentes de portugueses. Casou-se com Bibiana Maria de Jesus, filha de Miguel Lourenço. Desse enlace, tiveram dois filhos: Inocêncio José Pinheiro Pinto e Zeferina Maria de Santo Antônio. Exerceu o cargo de Tenente de Milícias; foi fazendeiro, agricultor e comerciante. Antônio Pinheiro Pinto faleceu em 1822, por consequência de ferimento provocado por arma branca, desferida por um escravo.

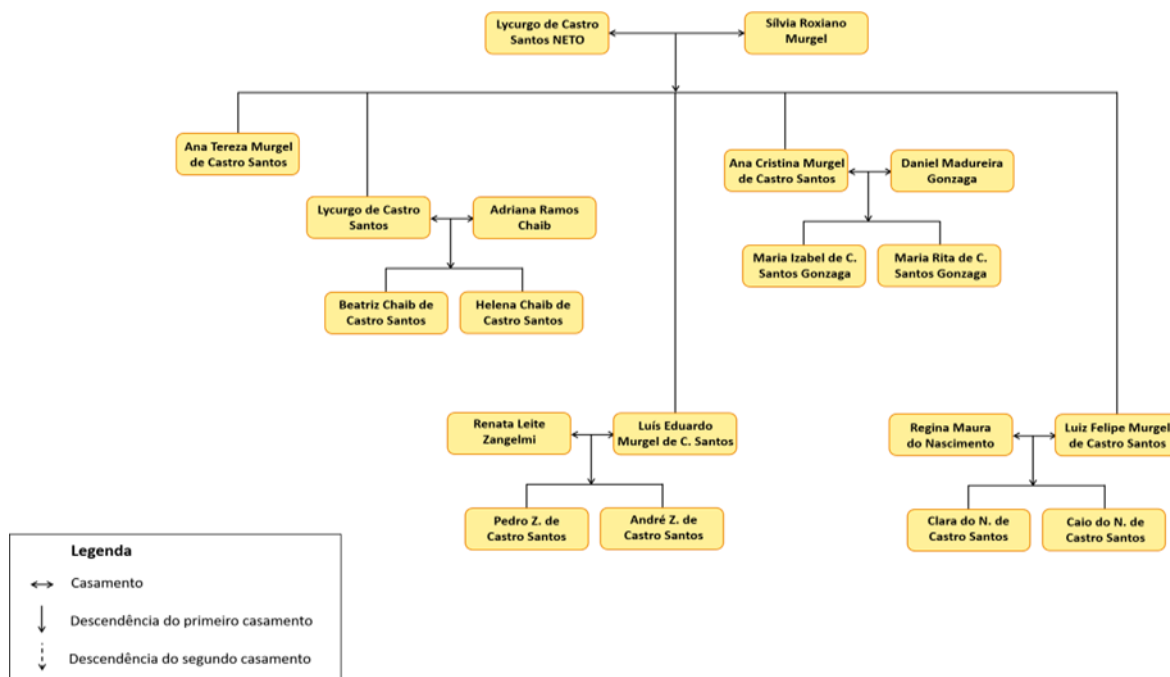
O terceiro Senhor do Campo Seco, Inocêncio José Pinheiro Canguçu, nasceu em Bom Jesus dos Meiras, em 1795. Casou-se com Prudência Rosa de Santa, com quem teve onze rebentos legítimos, segundo Souza (2014). Foi fazendeiro e vereador na região. Faleceu em setembro de 1861,

aos 66 anos, em Minas Gerais. A seguir, conforme fig.1, a árvore genealógica dos Canguçu, desde o descendente direto da família, ou seja, Miguel Lourenço de Almeida, aos tempos de 2018.

Fig.1: Árvore Genealógica dos Canguçu.

Árvore Genealógica da Família Pinheiro Canguçu (1708-2018)





Fonte: Elaborado pela autora.

3 O direcionamento metodológico

Para o alcance desta investigação, utilizaram-se, como pressupostos teóricos e metodológicos, os critérios destacados por Marquilhas (2000) e por Barbosa (1999; 2017) – a primeira, na identificação de redatores inábeis do período seiscentista; o segundo, em um trabalho de 1999, sobre nível de habilidade em cartas de portugueses comerciantes radicados no Brasil, no período setecentista.

De acordo com Marquilhas (2000), é possível detectar as produções gráficas de um inábil³ “pela sua aparência física, constituída pela caligrafia da mão e por particularidades do suporte” (MARQUILHAS, 2000, p. 237). Nessa direção, a autora, pautada nos fundamentos da paleografia italiana, elenca critérios⁴ físicos caligráficos para a identificação de situação de inabilidade, bem como outros aspectos importantes para tal análise.

³ Rita Marquilhas (2000) adota tal conceito a partir da expressão francesa *scripteursmaladroits*, usada por Claire Blanche-Beneviste para referir-se à pessoa parada em fase incipiente de aquisição da escrita.

⁴ A. *ausência de curso*: o desenho autônomo de cada carácter, ou mesmo de traços de cada carácter, decorrente da falta de agilidade dos músculos da mão. B *uso de modulo grande*: a dificuldade em integrar as letras num modulo pequeno. C *ausência de regramento ideal*: a incapacidade de respeitar um pautado mental manifesta-se sobretudo na tendência descendente do alinhamento, à medida que se aproxima a margem direita da folha. D *traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras; rigidez; falta de leveza do conjunto*: a detecção destas características é naturalmente muito subjectiva. E *irregularidade da empaginação*: falta proporção entre as margens, as quais podem nem se quer estar definidas. F *letras monolíticas*: há um desconhecimento da alografia combinatória dos sinais em contexto inicial, medial ou

Já Barbosa (1999; 2017), em seu estudo de 1999, alerta sobre a necessidade de contemplar também o nível ortográfico, pois, segundo ele, é uma das formas de identificar, com maior segurança, o grau de habilidade de um produtor. Em 2017, o referido pesquisador, embasado nos critérios delineados por Marquilhas (2000) e em outros adquiridos de experiências com *corpora* diacrônicos, no âmbito do projeto PHPB, e ainda em alguns utilizados por Oliveira (2006) e Santiago (2012), em seus trabalhos de mesma natureza, elenca nove aspectos, os quais interferem na variação gradual de níveis de inabilidade, de grande importância para delimitar tal aspecto, a saber: (1) Na dimensão da escriptualidade, os *grafismos*; (2) Na aquisição do nível fonológico da escrita, os *índices grafo-fonéticos*; (3) No epifenômeno, a *pontuação*; (4) Na dimensão lexical, a *repetição de vocábulos*; (5) *dificuldade de riqueza na variação e precisão do léxico*; (6) os *aspectos sintáticos*; (7) a *reprodução de tendências e modelos discursivos*; (8) a *habilidade motora*; (9) a *segmentação gráfica* (BARBOSA, 2017, p. 24-26). O autor apresenta, ainda, um direcionamento para as investigações de índices grafo-fonéticos⁵, em fontes de diferentes sincronias passadas.

Cotejou-se também, nesta análise, apenas como exemplos acerca da mesma temática, os trabalhos de Oliveira (2006), o qual apresenta o estudo de atas redigidas por negros e afrodescendentes inábeis da época oitocentista; e Santiago (2012), que traz uma análise de missivas de sertanejos baianos inábeis, escritas durante o período novecentista.

Assim sendo, nortearam o estudo das mãos dos escreventes do *Livro do Gado* os seguintes parâmetros: os *grafismos*; os *índices grafo-fonéticos*; a *habilidade motora*; a *segmentação gráfica*; a *pontuação*; a *repetição de vocábulos* e a *dificuldade de riqueza na variação e precisão do léxico*.

Vale dizer que foram analisados 14 fólios do punho do português Miguel Lourenço de Almeida, 11 fólios escritos por Antônio Pinheiro Pinto e somente 9 fólios de Inocêncio Pinheiro Canguçu. Contudo a maior parte desses fólios possuía registros em forma de símbolos e pouca quantidade de texto. Como já mencionado, o livro dos Senhores do Campo Seco é um manuscrito contábil de fazenda, no qual os seus escreventes lançavam apontamentos sobre a rotina da propriedade rural. Nesse sentido, usavam símbolos⁶, como traços verticais e horizontais, sinal de cruz, além de outros que se assemelhavam a um florão e, até mesmo, a consoante *J*, para se referir ao controle de nascimento e partilha dos animais, pagamento aos escravos e controle das sacas de produtos

final. Esta característica relaciona-se com a falta de cursividade e com o desenho autónomo dos carácter [...] (MARQUILHAS, 2000, p. 239-240).

⁵Índices grafo-fonéticos ocorrem quando a “representação gráfica de sons vocálicos e consonantais busca formas de imitar a pronúncia e tende a se afastar das convenções gráficas” (BARBOSA, 2017, p.24-25).

⁶ Sobre a especificidade de cada símbolo, ver: parte 3 da dissertação de mestrado de Santos (2019).

agrícolas produzidos ao ano. Veja-se a ilustração das anotações em símbolos, as quais predominam no *corpus*:

Fig. 2: Fol. 29v.



Fonte: CE-DOHS/ Foto de Jorge Viana.

4 A investigação das mãos dos Senhores do Campo Seco

Santos Filho (2012), no livro *Uma comunidade Rural do Brasil antigo: aspectos da vida patriarcal no Sertão da Bahia, nos séculos XVIII e XIX*, traz a informação de que os escreventes brasileiros do *Livro do Gado* – Antônio Pinheiro Pinto e Inocência Pinheiro Canguçu – possuíam péssimos conhecimentos linguísticos, deixando subentendido que tiveram pouco contato com a língua escrita. Observa-se:

Pinheiro Pinto passou um largo traço por sob os assentamentos do sogro e iniciou os próprios [...]. Sua letra é larga e feia e a grafia de muitas palavras denota ausência de certos e elementares conhecimentos linguísticos [...] Em 1822 seu filho anotou no verso da trigésima folha [...] A horrível letra e a péssima ortografia de Inocência Pinheiro Canguçu revelam que seus estudos foram ainda mais deficientes do que os recebidos pelo seu pai (SANTOS FILHO, 2012, p. 113-114).

Ao levar em conta o trajeto histórico desastroso da escolarização brasileira, percebe-se que o ensino formal da leitura e da escrita não contemplou todas as classes sociais e localidades do país. No sertão da Bahia, a escola oficial se deu de forma muito precária, como delinearam Carneiro e Almeida (2006). Nessas regiões longínquas do litoral, na época colonial e pós-colonial, as primeiras letras eram ensinadas nas fazendas, custeadas pelos próprios fazendeiros, possuidores de muitos recursos.

Foi nesse contexto que Inocêncio Pinheiro Canguçu teve o contato com as primeiras letras. De acordo com Santos Filho (2012), Antonio Pinheiro Pinto contratou um mestre particular, chamado Tomás José da Costa, para ministrar aulas para o filho, Inocêncio Pinheiro Canguçu, e outro familiar:

Pinheiro Pinto anotou a data da entrada do filho na escola do mestre: – “Entrarão na escola de Tomas José da Costa Inocêncio e Alexe. em 23 de Janro. De 1802”. Estava Inocêncio com sete anos e acompanhou-o um primo, chamado Alexandre. [...] Há nova anotação, de posterior aprendizado, desta vêz apenas do filho, e com novo mestre [...] – “Entrou meu filho Inocencio no estudo do Me. Ignco. Ferra. da Sa. em 18 de Mayo de 1810” (SANTOS FILHO, 2012, p. 38).

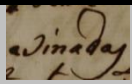
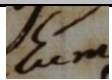
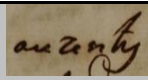
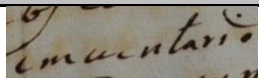
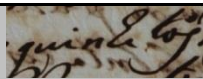
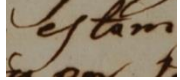
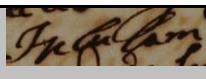
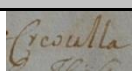
Para o autor, foram esses dois professores os responsáveis pelo ensino da leitura, da escrita e dos números a Inocêncio Canguçu. Tudo indica que esse senhor não deu continuidade aos estudos, dedicando-se constantemente à lida da fazenda. Sobre relatos do processo escolar de Antônio Pinheiro Pinto, não foram localizados indícios. A hipótese é que Antônio Pinheiro, sendo descendente de portugueses burgueses, segundo Santos Filho (2012), tenha recebido uma instrução semelhante à que proporcionou ao filho.

Vale lembrar que há escreventes de duas nacionalidades diferentes: portuguesa e brasileira. Em função disso, é necessário esclarecer que a observação de aspectos físicos caligráficos foi aplicada a todos, pois, como lembra Barbosa (2017, p. 20), esses critérios “elencados por Marquilhas (2000) para sistematizar produtos gráficos podem ser empregados em qualquer época e em qualquer lugar”. A observação de índices grafo-fonéticos foi direcionada apenas aos brasileiros. A seguir, a análise das referidas amostras gráficas.

4.1 Aspectos da escrita do lusitano

Ao direcionar o olhar para os fac-símiles referentes aos registros do português Miguel Lourenço de Almeida, nota-se prontamente a ausência de elementos caligráficos mal executados. É possível constatar traçados seguros, letras firmes, bem como inexistência de módulos grandes. No entanto foi constatada a presença dos fenômenos de hipossegmentação – entendida como a união de formas lexicais na sentença, as quais deveriam estar separadas por espaçamentos em branco – e de hipersegmentação – compreendida quando há inserção de espaços em branco entre grupos pequenos de letras de um determinado vocábulo –, como mostram os trechos a seguir:

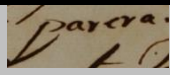
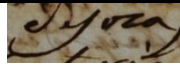
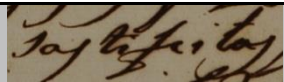
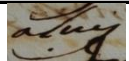
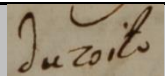
Quadro 1: Ocorrências das grafias de MLA.

Exemplos de fac-símile	Ocorrência	Aspecto	Fólio	Quantidade
	Asinada <i>por</i> assinada	Grafismo	2r	1
	Hum <i>por</i> um	Latinização	3r, 4r, 4v, 5r, 6r, 7r	9
	Auzentes <i>por</i> ausentes	Substituição de grafema	2r, 3r, 6v, 7v	4
	Emventario <i>por</i> inventário	Substituição de grafema	2r, 4r, 4v, 5r, 5v, 6r, 6v, 7r, 7v	18
	quinheÛtos <i>por</i> quinhentos	Eliminação de grafema	2r, 4v, 6v, 7r	6
	Estam <i>por</i> estão	Grafia para ditongo nasal	3r	1
	Freciscam <i>por</i> Francisca	Acréscimo de grafema	3r	1
	creolla	Etimologização	8v	4

Fonte: Adaptado de Santiago (2012) pela autora.

Outros fenômenos interessantes foram identificados na escrita de Miguel Lourenço de Almeida, como: a queda da semivogal /i/; a eliminação da vogal /u/; a inversão da consoante /s/; o emprego da vogal /i/ no lugar da vogal /e/; o emprego da vogal /u/ no lugar da vogal /e/. Veja-se:

Quadro 2: Outras ocorrências na escrita de MLA.

Exemplos de fac-símile	Ocorrência	Aspecto	Fólio	Quantidade
	pareØra por Pereira	Eliminação de grafema	3r, 7r	3
	soØza por Souza	Eliminação de grafema	6r	2
	Sastifeitas por satisfeitas	Inversão na ordem do grafema	3r, 5r	2
	Alvis por Alves	Varição da vogal /i/ por /e/	6r	1
	Duzoito por dezoito	Varição da vogal /u/ por /e/	2r, 6v, 7r	3

Fonte: Adaptado de Santiago (2012) pela autora.

Sobre a dimensão lexical, não se constata repetição de vocábulos ou pobreza de léxico, fatores exemplificados por Santiago (2012) como critérios que ajudam a reconhecer pistas de uma mão inábil. O que vemos nos primeiros fólios desse escrevente é uma estrutura textual moldada pelo gênero recibo, quando atuou na profissão de contador.

Os registros revelam o raríssimo uso da pontuação, o que evidencia baixa familiaridade com a escrita culta, no entanto encontram-se muitas ocorrências de abreviaturas, que são elementos utilizados por uma pessoa considerada hábil. De acordo com os critérios da paleografia italiana, a ausência das abreviaturas indica uma escrita elementar de base.

Diante do que foi apresentado sobre os critérios gráficos, e considerando o contexto social de Miguel Lourenço de Almeida, ou seja, um português que chega ao Brasil por volta de 1742 e exerce cargos importantes, como o de capitão-general, contador do Tribunal dos Ausentes, supõe-se que se trata de uma pessoa que teve oportunidade de escolarização, ainda que limitada. Sendo assim, a respeito da categoria de inabilidade/habilidade, pode-se concluir que esse escrevente é *pouco hábil*, para usar as palavras de Barbosa (1999), já que:

– Não apresenta aspecto de inábil em grau elevado, porque não há má execução caligráfica e, principalmente, não existe o desvio gráfico de sílabas complexas /r/, //, característica comum nas

escritas de redatores inábeis; faz o uso de abreviaturas, porém atestou-se a presença dos fenômenos de hipersegmentação e de hipossegmentação.

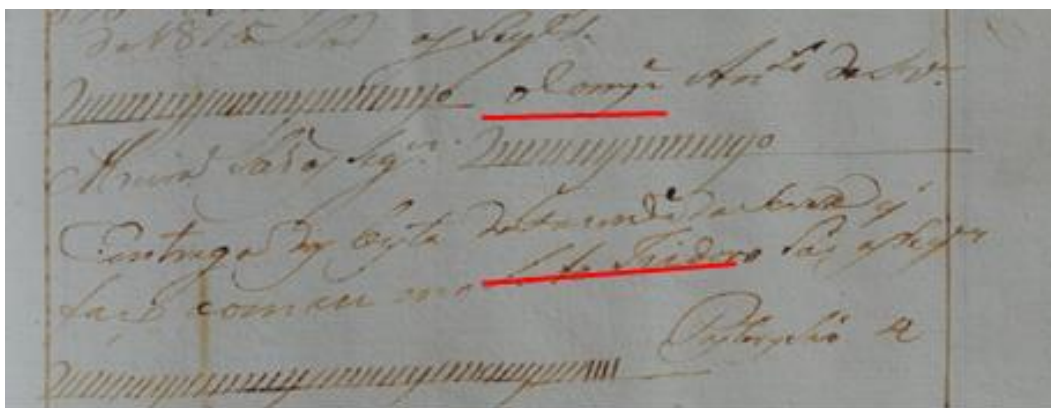
– Não é totalmente hábil, porque há variação ortográfica; emprega, ainda que raramente, o sinal de pontuação.

Vale acrescentar que, nesta análise, não se buscou delimitar o que poderiam ser índices grafo-fonéticos nos fólios de punho português, pois, como já sinalizado anteriormente, o foco no fenômeno tratado aqui abrange apenas a escrita pelos punhos dos brasileiros. No entanto, diante desse panorama, e com base em estudos semelhantes ao de Barbosa (1999), constatou-se, como dado possível de marcas fonéticas, por exemplo, a eliminação do grafema em: *pareØra* por *Pereira*, que espelha o aspecto da monotongação – apagamento da semivoal –, pois essa mesma ocorrência apareceu na documentação editada pelo referido autor como possível marca de oralidade em redatores portugueses pouco hábeis do século XVIII.

4.2 Aspectos das escritas dos brasileiros

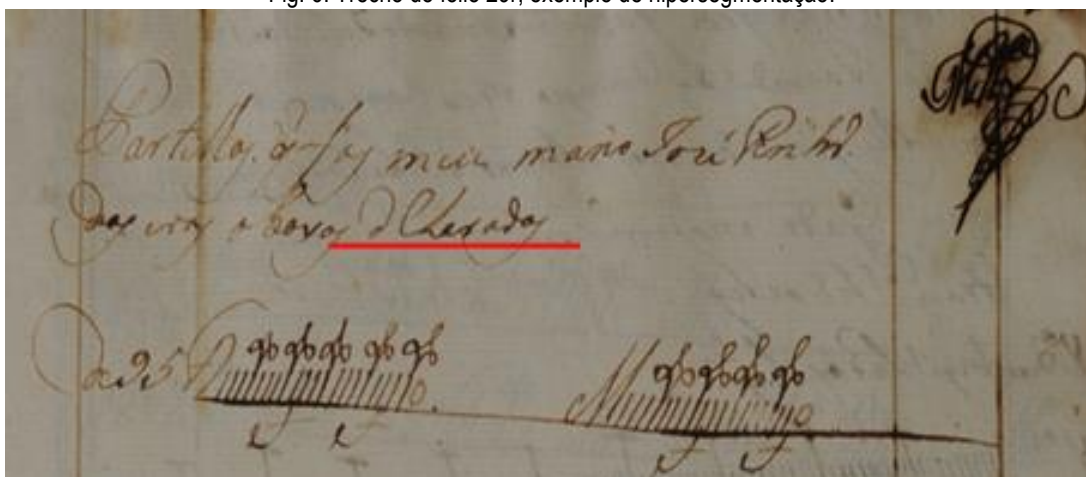
Ao examinar os produtos gráficos dos brasileiros, verifica-se que os fac-símiles pertencentes a Antônio Pinheiro Pinto não indicam uma situação incipiente motora. Nesse sentido, observam-se traçados seguros, letras pequenas e proporcionais, esquivando-se de módulos grandes. Há regramento no alinhamento. Os aspectos de segmentação fonológica, tais como a hipersegmentação e a hipossegmentação, foram manifestados; não há repetição de vocábulos; já o uso de abreviaturas é constante. Sobre as características descritas, veja-se:

Fig. 5: Trecho do fólho 13r; exemplos de hipossegmentação.



Fonte: CE-DOHS/ Foto de Jorge Viana.

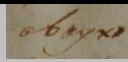
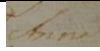
Fig. 6: Trecho do fôlio 29r; exemplo de hipersegmentação.



Fonte: CE-DOHS/ Foto de Jorge Viana.

Notam-se aspectos gráficos que poderiam indicar dificuldade com a escrita, como a ocorrência de emprego do verbo no futuro do presente /*acabarão*/, usado, aparentemente, de forma inadequada, já que, no contexto de hoje, deveria ser grafado o pretérito perfeito do modo indicativo /*acabaram*/. Porém tal ocorrência⁷ era um fenômeno comum na escrita do século XIX. Ademais, foi identificado o uso de latinizações: /y/ substituindo a vogal /i/; /h/ antes da vogal /e/; e etimologização /nn/. Seguem exemplos:

Quadro 3: Ocorrências das grafias de APP.

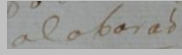
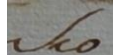
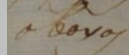
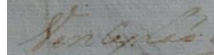
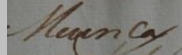
Exemplos de fac-símile	Ocorrência	Aspecto	Fólio	Quantidade
	Abayxo	Latinização	29v	1
	Anna	Etimologização	29v	1

Fonte: Adaptado de Santiago (2012) pela autora.

Na investigação de índices grafo-fonéticos, foram encontrados pouquíssimos dados que parecem confirmar tal aspecto. Seguem:

⁷O emprego do *rão* era comum na escrita oitocentista. Várias ocorrências podem ser notadas em dicionários ou gramáticas que abrangem o período. Para mais informações, consultar o Dicionário de Língua Portuguesa, de Moraes Silva (1890). Disponível em: [www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242523].

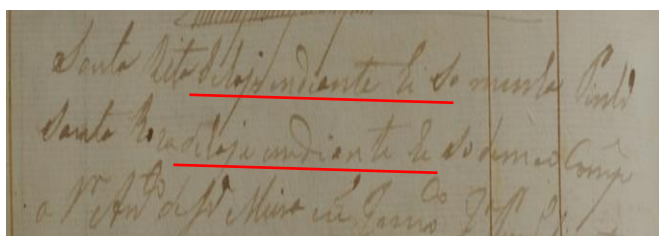
Quadro 4: Ocorrências de supostos índices grafo-fonéticos de APP.

Exemplos de fac-símile	Ocorrência	Aspecto	Fólio	Quantidade
	acabarão <i>por</i> acabaram	Nasalização	11r	1
	Seo <i>por</i> seu	Abaixamento da vogal /u/ ~/o/	13r	1
	abaixos <i>por</i> a baixos	Redução de ditongo /ay/	29r	1
	Venceslão <i>por</i> Venceslau	Nasalização	11v, 12r	2
	Meunças <i>por</i> Miunças	Abaixamento da vogal /i/ ~/e/	50r	1

Fonte: Adaptado de Santiago (2012) pela autora.

Sobre os poucos fac-símiles que representam os registros de Inocêncio Pinheiro Canguçu, verifica-se que as marcas físicas caligráficas não denotam quadro de inabilidade. Assim como os demais escreventes, os traçados são seguros, não há ausência de *cursus*, nem módulos grandes. O escrevente não faz uso de pontuação, porém houve a manifestação de hipersegmentação e hipossegmentação. Há presença de alguns sinais abreviativos. Quanto à dimensão lexical, identificou-se a repetição de vocábulos em sentenças subsequentes. Nota-se tal aspecto na ilustração a seguir:

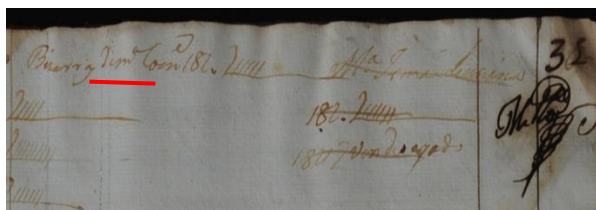
Fig. 7: Trecho do fólio 31v; exemplos de repetição de vocábulos e hipersegmentação.



Santa Rita **d ehojndiante he so** minha Pinheiro
 Santa Rozadehoj **i ndiante he sodmi o** Campô
 A para Antonio d Souza Meira ù Janeiro
 Inocêncio Pinheiro

Fonte: CE-DOHS/ Foto de Jorge Viana.

Fig. 8: Trecho do fólio 31r; exemplo de hipossegmentação.



Bizerros **deminha** comadre 1820)||||| Minha Irmã [Zeferina]
)|||||1820)|||||
)||||| 1821 ven da ogado
)|||||

Fonte: CE-DOHS/ Foto de Jorge Viana.

Na questão gráfica, observa-se o uso da consoante /z/ por /s/ e da consoante /s/ por /ç/; o emprego da vogal /o/ no lugar da vogal /u/, como também o uso latinizante do /h/ antes da vogal /e/ e a presença de etimologização /tt/. Foi identificado, nos registros desse escrevente, o emprego do numeral *um* grafado como /ũ/. Seguem os exemplos dos dados descritos:

Quadro 5: Ocorrências das grafias de IPC.

Exemplos de fac-símile	Ocorrência	Aspecto	Fólio	Quantidade
	Roza <i>por</i> Rosa	Substituição de grafema	30r, 31v	4
	Crição <i>por</i> Criação	Substituição de grafema	34r	1
	He <i>por</i> é	Latinização	30,r 31v	3
	ũ <i>por</i> um	Eliminação de grafema	31v	1
	morreo <i>por</i> morreu	Substituição de grafema	30v	1
	Ritta	Etimologização	31V	1

Fonte: Adaptado de Santiago (2012) pela autora.

Sobre índices grafo-fonéticos nos escritos de Inocêncio Pinheiro Canguçu, praticamente não houve ocorrências, o que se deve ao número mínimo de fólhos pertencente a esse escrevente:

Quadro 6: Ocorrências de supostos índices grafo-fonéticos de IPC.

Exemplos de fac-símile	Ocorrência	Aspecto	Fólio	Quantidade
	Campu <i>por</i> Campo	Elevação de /o/ postônico final > /u/	30v	1
	Hoji <i>por</i> hoje	Elevação da vogal média postônica /e/~/i/	31v	2
	Bizerros <i>por</i> Bezerras	Elevação da vogal média postônica /e/~/i/	31r	2

Fonte: Adaptado de Santiago (2012) pela autora.

É importante ressaltar que, na análise realizada, não foram encontradas irregularidades envolvendo o uso de sílabas complexas com /r/, /l/ e /s/, aspecto importante para definir uma mão inábil. Quanto à conclusão do grau de inabilidade/habilidade dos punhos brasileiros, é possível inferir que ambos são *pouco hábeis*, visto que:

– Não configuram totalmente inábeis, porque, nas características da *escriptualidade*, não foram reveladas dificuldades; não houve ocorrências de sílabas complexas /r/, /l/, nem desvios da sibilante /s/, no entanto constatou-se a presença da hipersegmentação e hipossegmentação.

– Não são completamente hábeis, porque existem variações ortográficas; praticamente não há uso da pontuação; além disso, o segundo brasileiro demonstrou a repetição de sentença textual; ambos fornecem aspectos que espelham possíveis marcas da oralidade.

Como resultado geral deste estudo sobre o nível de inabilidade/habilidade dos Senhores do Campo Seco e a averiguação descritiva dos aspectos de índices grafo-fonéticos *versus* aspectos gráficos, os dados revelaram: no que tange à questão de inabilidade/habilidade, infere-se que os escreventes, tanto o lusitano quanto os brasileiros, são considerados *pouco hábeis* com a prática escrita. Em relação ao levantamento de índices grafo-fonéticos, algumas ocorrências, depreendidas dos apontamentos dos brasileiros, aparentam ser aspectos de *abaixamento de vogais; redução de ditongo; nasalização; elevação de vogal*. Já no que concerne aos traços gráficos, identificamos aspectos como: *grafismo; latinização; substituição de grafema; eliminação de grafema; inversão de ordem de grafema, grafia para ditongo nasal e variação de vogal*.

Conclusão

Este trabalho, ancorado na Linguística Histórica e no campo social linguístico, fornece aos estudiosos do português brasileiro uma amostra da prática de escrita produzida por sertanejos baianos nos séculos XVIII e XIX. Os produtos gráficos desses escreventes vêm proporcionar pistas acerca do processo de escolarização do sertão da Bahia, bem como oferecer aspectos relevantes do contexto social e histórico do passado colonial e imperial dessa região.

Dessa forma, o panorama linguístico retratado aqui traz o seu contributo para que, em tempos não tão distantes, seja alcançada a reconstituição da intrigante história linguística do português brasileiro.

Referências

- BARBOSA, A. G. O controle de marcas de inabilidade na escrita alfabética e a identificação das mãos inábeis em corpora histórico-diacrônicos. *Revista ABRALIN*, v. 16, n. 2, p. 19-43, jan.-abr. 2017.
- BARBOSA, A. G. *Para uma história do português colonial: aspectos linguísticos em cartas do comércio*. 1999. 484f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CARNEIRO, Z. de O. N. (Coord.). *PROJETO Vozes do Sertão em dados: história, povos e formação do português brasileiro*. Disponível em: [www.uefs.br/nelp].
- CARNEIRO, Z. de O. N.; OLIVEIRA, M. F. de. (Coords.). *PROJETO CE-DOHS: Corpus eletrônico de documentos históricos do sertão*. Disponível em: [www.uefs.br/cedohs].
- CARNEIRO, Z. de O. N.; ALMEIDA, N. L. F. de. A criação de escolas a partir de critérios demográficos na Bahia do século XIX: uma viagem ao interior. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Z. de O. N. (Org.). *Para a História do Português Brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: EDUFBA, 2006. v. 2. p. 649-673.
- LOBO, T. C. F. Arquivos, acervos e a reconstrução histórica do português brasileiro. In: OLIVEIRA, K.; CUNHA E SOUZA, H. F.; SOLEDADE, J. (Orgs.). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MARQUILHAS, R. *A faculdade das Letras: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MATTOS E SILVA, R. V. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pesquisa. *Caderno das Letras da UFF – Dossiê: Literatura, Língua e Identidade*, n. 34, p. 11-30, 2008.

OLIVEIRA, K. *Negros e escrita na Bahia do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo lingüístico*. 2006. 1198 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador.

SANTOS, E. B. *O Livro do Gado do Brejo do Campo Seco (Bahia): Edição Semidiplomática e Descrição de Índices grafo-fonéticos*. 2019. 316f. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos) Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

SANTIAGO, H. S. *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de mãos “cândidas” do sertão baiano*. 2012. 423.f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

SANTOS FILHO, L. *Uma comunidade rural do Brasil antigo: aspectos da vida patriarcal no Sertão da Bahia, nos séculos XVIII e XIX*. Ed. fac-similar, comemorativa aos 55 anos da primeira edição. Salvador: UEFS: Fundação Pedro Calmon, 2012.

SOUZA, L. C. *Conflito de Família e Banditismo Rural na Primeira Metade do Século XIX: Canguçús e “Peitos Largos” contra Castros e Mouras nos Sertões da Bahia*. 2014. 131 f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Bahia, Salvador.